Grab, Hermann

(1903-1949)



H. G., escritor e músico nascido em Praga, no seio de uma abastada família de judeus alemães assimilados, doutorado em filosofia e direito, deixou a cidade natal em fevereiro de 1939. Destino era Paris, não com o objetivo de se exilar definitivamente, mas para realizar um concerto de piano que lhe garantia a oportunidade de salvar três valiosos pianos históricos da perigosa instabilidade checoslovaca. Todavia, devido à ocupação nacional-socialista do seu país logo no mês seguinte, já não regressa a Praga. Em junho de 1940, perante a iminência da queda de Paris, evade-se ilegalmente para Biarritz, depois Bordeaux, onde se reúne com a família do irmão e, com o resultado da venda de um violino Stradivarius, conseguem rapidamente o visto de passagem por Espanha e Portugal. Chegam ao nosso país nesse mesmo mês, seguindo para os Estados Unidos a bordo do "Niassa" após uma espera de quase seis meses pela documentação necessária. Virá a falecer em Nova Iorque, onde foi professor de música, desde 1941 numa escola própria, a partir de 1946 na prestigiada "Mannes College of Music" (Hobi 1969: 13ss.).

Talento precoce, com um acolhimento encomiástico por parte de figuras como Klaus Mann ou Theodor Adorno (Schütz 1988: 85) logo aquando da sua estreia literária com o romance *Der Stadtpark* (1935) [O parque da cidade], H. G. é, todavia, um autor ainda hoje pouco presente, tanto na crítica como no mercado literário. Para esse esquecimento, estranho dada a extraordinária qualidade literária da sua obra, terão contribuído fatores como o clima do após-guerra, adverso a autores desconhecidos antes de 1933, e, muito particularmente, a grande escassez de textos que nos legou. Para além de alguns trabalhos menores e do referido romance, cujo parentesco com a escrita de Proust é sublinhado por todos os admiradores (Schütz 1988: 86), apenas foi dada à estampa, já postumamente, uma antologia de sete curtas novelas, consideradas como o clímax da arte narrativa de H. G. (Gil Serra 2011: 127) e reunidas sob o título de *Hochzeit in Brooklyn* (1957) [Casamento em Brooklyn]. Romance e novelas foram reeditadas nos anos 80 numa coleção dedicada à literatura do

exílio.

Dois grandes núcleos temáticos dominam a obra literária de H. G.. Quando ainda radicado na Europa, evoca o mundo em declínio da grande burguesia de Praga pouco antes do deflagrar da Grande Guerra (*Der Stadtpark* e, p. ex., a novela *Die Mondnacht* [A noite de luar], incluída em *Hochzeit in Brooklyn*). Já no exílio dos Estados Unidos, a sua obra é uma desencantada reconstrução literária da experiência própria com o nazismo e com a vida na emigração, nomeadamente em três das novelas que se integram na referida antologia. Formando como que uma trilogia, *Die Advokatenkanzlei* [O escritório de advocacia] trata o insidioso surgimento do nacional-socialismo no quotidiano austríaco, *Hochzeit in Brooklyn* a frustração das expectativas de um exilado nos Estados Unidos, e *Ruhe auf der Flucht* [Tranquilidade na fuga] a atribulada fuga da Europa através da rota ibérica (Cramer 1994: 212-214).

Todavia, o que mais distingue as novelas de H. G. de muitas outras obras de exílio e mais toca o leitor é a técnica narrativa (Hayner 2012): em contraste com a temática, a escrita é suave, contida, de grande sensibilidade, plena de eufemismos e de alusões, privilegiando o apenas implícito e perpassada por um discurso musical, sóbrio, preciso, e, simultaneamente, por uma empatia distanciada e uma subtil mas cortante ironia. Talvez por esta especificidade, amplamente desenvolvida em *Ruhe auf der Flucht*, H. G. duvidasse da maturidade do público para compreender e valorizar esta novela, que encarava como a mais importante (Grab, *apud* Cramer, 1994: 522).

Ruhe auf der Flucht, obra ficcional de inspiração autobiográfica (Gil Serra 2011: 132), considerada pelo próprio H. G. como um "quadro em miniatura" (Grab, *apud* Cramer 1994: 215) da sua estadia em Portugal, remete, pelo título, para a iconografia sobre a fuga da Sagrada Família para o Egito (Cramer 1994: 226). A novela, de 35 páginas, gira em torno dos Ehrlich (= honrado, honesto), um amável casal vienense de meia-idade que, em junho de 1940, e depois de uma difícil fuga de Paris, chega a Lisboa, local de trânsito para o exílio no Novo Mundo. Começa então uma espera desgastante por um visto, na qual serão confrontados com a política de imigração e a indiferença da diplomacia no Consulado dos

Estados Unidos. Todavia, a narrativa não se esgota no percurso trágico do casal que, implicando para o Sr. Ehrlich a morte, contrasta ironicamente com o final feliz evocado pelo título (Cramer 1994: 226). Concentrando-se simultaneamente no pequeno núcleo de emigrados judeus instalados na pensão em que os Ehrlich também se hospedarão, e alargando-se ainda com leves alusões à situação bélica mundial (63, 81, 89), o texto ilustra exemplarmente o deplorável destino dos refugiados do nacional-socialismo em geral e dos "filhos de Israel" (87) em particular.

No que toca à imagem de Portugal, "país de laranjas e de vinho doce" (67), regista-se que o olhar do narrador, oscilando entre uma posição autoral e uma colagem à perspetiva das várias figuras, incide sobretudo sobre a situação traumática dos emigrados, pouco predispostos a vivenciar o país / a cidade por onde transitam. Nessa medida, não surpreende que, numa coexistência das duas realidades antagónicas expressas no título (Gil Serra 201: 136), a indiferente e tranquila beleza meridional de Lisboa constitua fundamentalmente cenário e contraponto da luta desesperada pelos documentos necessários.
A um primeiro olhar, e não obstante as reservas dos Ehrlich em aceitar o outro na sua especificidade (67), Lisboa parece-lhes quase um amável destino de lazer, cheio de luz, de calor, de cores estivais (63, 68). Contudo, não é em aspetos atmosféricos, topográficos, arquitetónicos ou políticos que se centra a imagem de Portugal veiculada pela novela. É certo que se registam brevíssimas alusões ao regime do Estado Novo – aflora-se, p. ex., a posição ambígua de Salazar no xadrez político internacional, o que reforça as instabilidades dos refugiados (72); também não se esquece a Exposição do Mundo Português, entendida porém, não como propaganda do Portugal colonialista, antes como mostra talvez nostálgica do brilho passado do país (80). Todavia, e embora o narrador se foque mais nas pessoas, no pulsar da vida quotidiana e na atmosfera de Lisboa, também estes são aspetos apenas brevemente aflorados: desde os cheiros que andam no ar (77) e as peixeiras com a canastra na cabeça na parte velha da cidade (93), passando pelo porto com os navios carregados (77) – não sem uma achega sobre o lucrativo comércio com as colónias (64) –, pelas esplanadas na Av. da Liberdade (68) cheias de "refugiados e agentes secretos" (79), até raros gestos de solidariedade para com os emigrados (97) e à forma dos cumprimentos masculinos (77) –

certamente estranhos aos olhos da Europa Central.

À medida que a situação do casal se vai agravando, também Portugal perde parte considerável da amabilidade inicial, da qual, aliás, o narrador logo duvida (66). Com o inverno, o mau tempo fustiga a cidade. Por seu turno, os parcos recursos do casal haviam-no obrigado a trocar o elegante hotel na Baixa onde haviam sido tratados como hóspedes distintos – lembrem-se as refeições, excelentes e excessivas (64, 73) – por uma modesta pensão, escura, cheirando a humidade (74), gelada nas noites de inverno (92). O dono, como sugere o narrador, apenas interessado no lucro que os refugiados lhe trazem mas incapaz de sentir a tragédia dos seus hóspedes, revela traços de xenofobia, e só a pobre criada Esmeralda, que trabalha até altas horas e cuja exploração é estranhada pela Sra. Ehrlich (75-76), demonstra alguma empatia para com o Sr. Ehrlich (92).

O escritor e ensaísta Max Brod – mais conhecido como testamentário de Kafka –, tão parcimonioso em louvores, não hesitou em considerar *Ruhe auf der Flucht* como uma obra imortal (Brod 1979: 232).

Passagens

França, Portugal, Estados Unidos

Citações

A sala de jantar [da pensão] nunca tinha estado tão cheia. Os estrangeiros exaltavam-se quando tinham de esperar pela comida. Mas o Senhor Carvalho encolhia os ombros. Dois criados tinham chegado sempre, por que não haviam de chegar agora? Também não ocorria ao Sr. Carvalho uma alteração do menu. Ele próprio apreciava o molho de cebola e o azeite, o peixe e também o assado eram preparados como a sua mãe em Coimbra e até já a sua avó

em Pombal os haviam preparado, os estrangeiros tinham de os comer assim, porque ninguém os tinha chamado para cá. **(RF: 76; trad. minha)**

O Sr. Dr. Winterfeld [...] via a vida nas ruas novas, o cumprimento dos homens portugueses que se abraçavam, batiam longamente nas costas uns dos outros e depois se separavam sem dizer palavra. Tomava o elevador para a parte alta, aqui andava em todas as direções, era a cidade velha, frequentemente vinha um almocreve pela viela, e o cheiro a queijo e azeite andava no ar. **(RF: 77; trad. minha)**

Esmeralda ajudava na lavandaria, que exalava para o corredor o cheiro de panos a secar, arrumava os quartos dos dois andares, ajudava na cozinha e em horas tardias esfregava o chão. Trabalhava tal como as raparigas portuguesas trabalham nos campos e nas fábricas, como as raparigas que trazem pelas ruas as canastras com peixe, trabalhava como todos que, sob este sol amável do sul, nasceram assim tão pobres, para envelhecerem e morrerem na mesma pobreza. **(RF: 93; trad. minha)**

O capitão [do navio], que tratava o seu carregamento de pessoas com amabilidade, disponibilizou todos os espaços da primeira classe também para os passageiros da segunda e terceira classes. **(RF: 97; trad. minha)**

Bibliografia Ativa Selecionada

Grab, Hermann (1995), *Ruhe auf der Flucht*, in G., H., *Hochzeit in Brooklyn*, Frankfurt/Main, Verlag Neue Kritik: 63-97. [11957]

Bibliografia Crítica Selecionada

Brod, Max (1979), *Der Prager Kreis*, Frankfurt/Main, Suhrkamp.
Cramer, Doortje (1994), *Von Prag nach New York ohne Wiederkehr. Leben und Werk*

Hermann Grabs (1903-1949), Frankfurt/Main, Berlin, Bern, New York, Paris, Wien, Peter Lang.
Gil Serra, Ana Fe (2011), *Exilio alemán en Estados Unidos: la voz de la resistencia*, Almería, Editorial Universidad de Almería
Hayner, Jakob (2012), "Was vom Erzählen übrig blieb. Über die vergessene Modernität des deutsch-jüdischen Schriftstellers Hermann Grab", *Jungle World*, Nr. 50, 13. December – http://jungle-world.com/artikel/2012/50/46803.html (acedido 21. 6. 2016)
Hobi, Karl (1969), *Hermann Grab. Leben und Werk*, Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der Philosophischen Fakultät der Universität Freiburg in der Schweiz.
Schütz, Hans J. (1988), "Ein deutscher Dichter bin ich einst gewesen". *Vergessene und verkannte Autoren des 20*. J*ahrhunderts*, München, Verlag C. H. Beck.

Maria Antónia Gaspar Teixeira